

PARA UMA TERCEIRA VIDA ACTIVA

# O que é «envelhecer bem»?

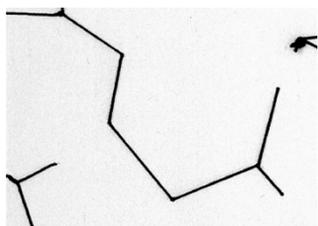
Os países da Europa, tal como a China ou o Japão, estão preocupados com o envelhecimento da população. Os activos não estariam a ser suficientes para pagar as reformas. E se invertêssemos a perspectiva? E se quebrássemos os ciclos sociais preestabelecidos, pelos quais os jovens não podem ter um emprego estável antes dos 30 anos, pelos quais os assalariados com mais de 50 anos são marginalizados ou mesmo expulsos das empresas, pelos quais entre os 30 e os 50 a intensificação do trabalho se serve dos corpos e dos espíritos?

● Por **LUCIEN SÈVE** \*

A literatura corrente sobre os «seniores» tornou-se torrencial, mas no essencial diz-nos quase sempre a mesma coisa. Duas coisas – para ser exacto. Em primeiro lugar, com o rápido aumento da esperança média de vida em países como a França (mais um trimestre por ano), o peso dos inactivos sobre os ombros dos activos estaria em vias de aumentar de forma insustentável, o que obrigaria a rever urgentemente em baixa as normas do nosso sistema de reformas. Depois, o que importa não é viver mais, mas fazê-lo em melhor estado, e portanto a questão, mais pessoal que social, de «envelhecer bem», assume uma importância fundamental.

Se, sobre o primeiro ponto, há propostas de mudanças<sup>1</sup>, sobre o segundo, o discurso oficial não vai ao encontro da crítica de fundo que lhe está associada: envelhecer bem seria um assunto estritamente pessoal, do foro médico-psicológico, sobre um fundo de aceitação de um declínio inexorável. «Envelhecer bem, é coisa que se aprende», escreve em título, por exemplo, a revista *Psychologies*<sup>2</sup>. E para isso indica «seis pistas»: 1. agir sobre o próprio corpo (comer melhor, fazer um pouco de exercício, não fumar...); 2. cuidar das aparências (técnicas anti-idade «suaves», desde a massagem até à medicina estética); 3. ler os filósofos (Séneca, Montaigne, Bergson: filósofo é aprender a morrer); 4. atravessar bem a menopausa («a mulher, liberta da maternidade, pode enriquecer a sua sexualidade»); 5. começar uma terapia («nunca é tarde demais» para ir ao psicanalista); 6. inspirar-se nos familiares mais velhos (manter uma rede relacional como os centenários de Okinawa, no Japão; imitar Claude Sarrate que, aos 82 anos, adora dizer «que merda fodida»).

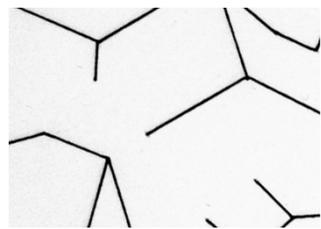
As limitações individualistas de uma tal concepção saltam à vista. Tal como o leque das actividades sociais em que nem sequer pensa: transmissão de saberes e de experiências profissionais, novas aprendizagens, participações múltiplas de voluntariado na vida pública, envolvimento em actividades criativas de toda a espécie... Segundo esta «pedagogia» – e eis o fundo da questão –, o «senior» seria, na sua essência, um inactivo social. Concepção carregada de ameaças para aqueles e aquelas que pretende ajudar: pessoalmente, condena a uma vida sem horizontes e, por essa via, a um verdadeiro «mau envelhecer»; socialmente, alimenta a ideia cínica segundo a qual as pessoas da «terceira idade» seriam bocas inúteis para a colectividade, que deveriam portanto, cada vez mais, pagar a si mesmas a sua reforma...



Uma tal visão, por mais contestável que seja, escapa à crítica radical, porque parece assentar numa evidência: com a idade, o mental envelheceria necessariamente, tal como o físico. À curva biológica da vida – crescimento, estagnação, declínio – corresponderia uma curva psicológica que nos condena a envelhecer diminuídos, portanto reformados das actividades sociais<sup>3</sup>. No seu trabalho sobre este assunto, Simone de Beauvoir estava em grande medida prisio-

neira desta visão pseudo-materialista<sup>4</sup>. Vemo-la fascinada por exemplos esmagadores de longevidade intelectual – de Bernard Le Bovier de Fontenelle a Leão Tolstói, de Johan Wolfgang von Goethe a Giuseppe Verdi, que renova a sua arte aos 80 anos com *Falstaff*. Mas só vê aí «excepções», dificilmente explicáveis à luz do que ela toma como uma lei da natureza.

Ora, se procurarmos compreender<sup>5</sup>, descobrimos o que nos mostra a obra do grande psicólogo Alexis Léontiev: a personalidade sociobiográfica representa muito mais do que a simples cópia da individualidade biopsíquica. Esta individualidade é em grande parte regida por dados inatos ou infantis, mas a personalidade é uma construção tardia onde as lógicas sociais, refractadas por uma biografia singular, desempenham o papel determinante, assegurando-lhe uma autonomia mais ou menos profunda.



A individualidade pode ser sinteticamente definida por um perfil estável do carácter, a personalidade por um *curriculum vitae* aberto. De forma que um envelhecimento das funções psíquicas elementares, se não for muito incapacitante (impotência, dependência, amnésia...), só afecta muito indirectamente a dinâmica pessoal: envelhecer tem vários sentidos, bem diferentes. Pode-se estar em bom estado psicomotor e contudo assumir apenas um emprego senil do tempo, como, pelo contrário, manter uma vida muito humana apesar da existência de deficiências físicas. Ludwig van Beethoven estava completamente surdo quando compôs o seu quarteto número catorze, na sua opinião o melhor de todos. É preciso compreender muito mal o que é a personalidade sociobiográfica para crer que a faremos envelhecer bem por meio de algumas receitas «anti-idade» superficiais.

Isso leva-nos à questão central do que é uma vida. Um exemplo entre tantos outros. O sociólogo Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939) foi célebre entre as duas guerras pela sua teoria da «mentalidade pré-lógica», segundo a qual os «povos primitivos» eram estranhos ao pensamento racional, teoria largamente aceite apesar de ter recebido numerosas críticas. Ora, nos seus *Cadernos* redigidos em 1938-39, na véspera da sua morte – já tinha então ultrapassado os 80 anos –, ele volta com um extraordinário vigor autocrítico a esta tese que o tornou célebre e escreve sem subterfúgios: «*Errei...*»<sup>6</sup>. O que o leva a esboçar todo um programa de novas pesquisas a empreender.

A leitura destes *Cadernos* desqualifica a pretensa fatalidade do definhamento intelectual e da obstinação senil, de que evidentemente há exemplos, mas que não constituem de todo uma lei. Como explicar esta longevidade intelectual de Lévy-Bruhl? Podemos fazê-lo em poucas palavras: uma formação inicial de alto nível (Escola Normal Superior, agregação em filosofia), depois, facto essencial, renovações importantes das suas actividades, conhecimentos e interesses ao longo da sua carreira – da filosofia alemã à sociologia da moral, depois à etnologia dos «primitivos» – e, a juntar a isso, uma atitude completamente aberta para com as críticas que foram feitas

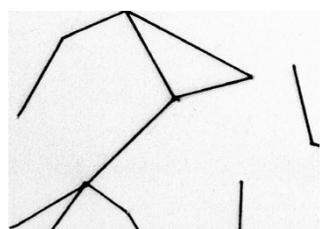
aos seus trabalhos. Este homem morreu em plena vitalidade de pensamento.

Ao estudar de forma profunda a biografia de todos aqueles e aquelas que espantam pela sua longevidade criadora, o que é que encontramos sempre? Uma formação inicial de alto nível, uma renovação das motivações, capacidades e actividades nunca interrompida durante muito tempo, e, ponto capital, uma conquista progressiva de autonomia em relação ao mundo e a si mesmos. A idade avançada pode pois esbarrar no envelhecimento do corpo, mas ela está ao alcance do dinamismo do espírito. É a lógica de toda uma vida que autoriza que se envelheça bem enquanto pessoa.

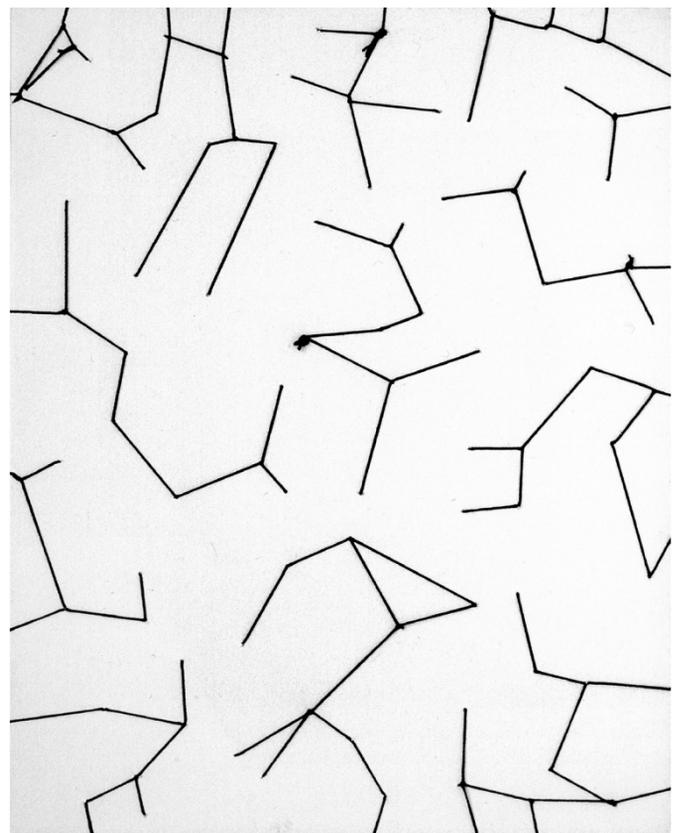
Aqui, como noutras questões, medimos os estragos da concepção biologizante do ser humano que faz corpo com a ideologia liberal – a da concepção do *Homo oeconomicus*, animal geneticamente programado para ser um individualista calculista –, enquanto que tudo o que faz uma personalidade (da linguagem à inteligência crítica, das competências à consciência moral) encontra a sua raiz não no genoma, mas nas relações sociais de que cada um se apropria à sua maneira no decurso da sua vida.

## Emancipar a sucessão das idades sociais

O tratamento do assunto parece portanto antecipadamente envidado pelo vocabulário dominante. Designamo-lo falando da «velhice», das «pessoas idosas», dos «mais velhos», hoje cada vez mais «seniores» – eufemismo tipo, visto que em latim *seniores* que dizer simplesmente «os velhos». Assim tratamos treze milhões de pessoas em França como uma simples categoria demográfica com base no estado civil, consolidando este imenso problema sociobiográfico, incitando a pensá-lo nos termos ideológicos da discriminação devido à idade, enquanto que do que se trata verdadeiramente é de organizar socialmente o futuro dos «reformados», para os designar pelo seu verdadeiro nome societal.



Passar do preconceito em relação à idade para a crítica societal leva a que nos interessemos – para lá da biomedicina, cuja importância primordial não está evidentemente em causa – pelas instâncias sociais que regem as lógicas biográficas e, em primeiro lugar, à que está mais disseminada: a política das empresas capitalistas em matéria de «recursos humanos». Paradoxo extraordinário. Enquanto que, desde os anos setenta, se ganharam em França dez anos de esperança de vida média, a esperança de vida profissional, pelo contrário, diminuiu doze anos! Na maioria das empresas francesas, é-se considerado velho a partir dos quarenta anos: «O mundo da empresa faz dos assalariados com mais de 45 anos seniores prematuros, privando-os, designadamente, do direito à formação», nota Serge Guérin. Procuram portanto desembaraçar-se deles, graças a uma panóplia de meios que vão da pré-reforma ao despedimento: «Em França, a taxa de actividade do grupo 55-64 anos (38,3 por



ANNA MARIA MAIOLINO | S/ título, da série *Vestigios* (2003) | Cortesia da artista, São Paulo, Brasil; Associação Abraço

cento) é uma das mais baixas da Europa». Para centenas de milhares de quinquagenários, o fim de vida profissional torna-se um pesadelo e a reforma aparece assim sob muito maus augúrios.

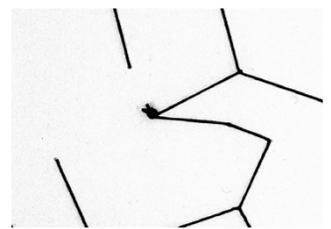
Saberemos avaliar a gravidade deste drama social e humano? Quando a esperança média de vida em bom estado atinge e ultrapassa os 80 anos, os cinquenta anos são mais do que nunca a idade-chave onde se prepara a passagem da vida profissional para esta «terceira vida» activa que deve ser a «reforma». Na condição de que nela se possam desenvolver outras actividades carregadas de novas competências humanamente ricas. Ora, trata-se de uma idade que a gestão dos «recursos humanos» pelo lucro privado maltrata insuportavelmente sob os nossos olhos. Muitos descobriram nos últimos tempos, com a série de suicídios na France Télécom, quanta «morte pelo trabalho» é perpetrada pela «gestão pelo terror». Mas a análise da ditadura que a rentabilidade a dois dígitos exerce deve alargar-nos ainda o campo de visão, pois o conjunto das lógicas de vida, do acesso inicial ao emprego até à reforma, é tratado de forma ineficaz.

A crise actual não é apenas financeira, económica, social e ecológica, mas também antropológica. O género humano está ameaçado nos seus valores e na sua existência civilizada pela lógica implacável que faz de qualquer actividade, seja mental ou física, uma mercadoria que ou é rentável ou se pode deitar fora. Na França de amanhã, haverá mais de vinte milhões de reformados: em que estado vão estar se, na maioria dos casos, esperaram anos por um primeiro emprego decente e, depois, conheceram uma vida de trabalho mais ou menos alienada, diante de uma sombra dos cinquenta anos que termina com uma reforma reduzida em todos os planos, enquanto que a exploração do mercado dos seniores os vai pressionar? A degradação acelerada das vidas das pessoas será menos grave do que o degelo polar? Não nos ameaça com cataclismos igualmente devastadores? Ora, a longevidade criadora de pessoas conhecidas não tem origem em qualquer excepção biológica. Ela mostra sobretudo o que pode vir a tornar-se a regra, na condição, como dizia Karl Marx, de «as circunstâncias se formarem humanamente» para todos<sup>8</sup>.

Isso implica emancipar convenientemente a sucessão das idades sociais: oferecer a todos formações iniciais de alto nível; acabar com o desemprego dos jovens; desalienar em profundidade o trabalho; organizar uma segurança contínua do emprego e/ou da formação; passar de um tempo livre pouco compensador a uma vida fora do trabalho

enriquecedora; favorecer ao máximo a preparação dos quinquagenários para a sua vida pós-profissional – abrir assim, de forma clara, a perspectiva de várias dezenas de anos activos de outra forma, subtraídos às lógicas exploradoras num sistema consolidado de reformas por repartição, revalorizadas na base de uma mais justa redistribuição das riquezas e indexadas aos salários. Eis o que faria da França de 2040 o contrário de um país envelhecido.

Para mudar a vida da maioria das pessoas que criam as riquezas de que outros benefi-



ciam, é necessário inventar um verdadeiro «envelhecer bem», gerador de nova felicidade humana ao mesmo tempo que de uma maior eficácia social. Os progressos da biomedicina induzem, com o prolongamento da vida, uma revolução demográfica. Que impõe que se desencadeie, de forma pacífica mas combativa, e para que não aconteça um amplo «mau envelhecer», uma verdadeira revolução sociobiográfica.

\* Filósofo. Última obra publicada: *Penser avec Marx aujourd'hui* (tomo II: «L'Homme?»), La Dispute, Paris, 2008.

1 O *Le Monde diplomatique* dedicou a este tema vários artigos, sendo o mais recente o de Pierre Conciadi, «Changer le travail pour financer les retraites», *Le Monde diplomatique*, Setembro de 2008. Ver também Jean-Christophe Le Dui-gou e Jean-Marie Toulisse, *L'Avenir des retraites*, L'Atelier, Ivry-sur-Seine, 1999; Paul Boc-cara e Catherine Mills (coord.), *Les Retraites. Des luttes immédiates à une réforme alternative*, Le Temps des Cerises, Pantin, 2003.

2 *Psychologies*, Paris, Outubro de 2009, pp. 68-89.

3 Ver o artigo fundador de Charlotte Bühler, «Le cours de la vie humaine», *Journal de Psychologie*, Paris, 1932, pp. 818-829.

4 Simone de Beauvoir, *La Vieillesse*, Gallimard, Paris, 1970 (reed. 2007).

5 Ler os últimos capítulos de «L'Homme?», tomo II de *Penser avec Marx aujourd'hui*, bem como o capítulo sobre Lev Semenovich Vygotski e Alexis Léontiev.

6 Lucien Lévy-Bruhl, *Carnets*, Presses universitaires de France, Paris, 1949.

7 Serge Guérin, *La Société des seniors*, Michalon, Paris, 2009.

8 Karl Marx e Friedrich Engels, *La Sainte Famille*, Éditions Sociales, Paris, 1972, p. 158.